

Além da vida severina

A principal obra de João Cabral de Melo Neto completa 60 anos, mas o autor queria ser reconhecido não só por seu poema mais popular

Por Felipe Sakamoto

Morte e Vida Severina nasceu com o objetivo de ser um Auto de Natal – encenação do nascimento de Jesus Cristo. O texto foi encomendado para os palcos, em 1956, pela dramaturga Maria Clara Machado. Só que João lhe entregou com o acréscimo de um adjetivo: Auto de Natal Pernambucano. O resultado foi bem mais do que uma palavra

no título. Há 60 anos, a seca que castigava o Nordeste não era fictícia. Severino, o protagonista da história, era o retrato de milhares de pernambucanos, nordestinos em geral, que tinham de enfrentar uma árdua jornada para matar a sede. A relação do poeta com a seca da região era densa demais para ficar em um só adjetivo.

“Ele faz questão de adjetivar dessa maneira. É feita uma leitura humana e não cristã do nascimento de Cristo, porque a criança que vai nascer não é um Deus, é homem. Com ela se cria a espe-

rança de uma vida nova, é uma paródia do nascimento de Cristo porque é colocado em um ambiente de pobreza sem se ater a nenhuma referência religiosa”, conta o poeta e membro da Academia Brasileira de Letras Antônio Carlos Secchin. Os açudes, a terra rachada, o cansaço dos retirantes – de terem que carregar os companheiros que sepultariam – e o Sol que aflige aqueles que buscam encontrar água nas margens do rio Capibaribe constituem as imagens fortes daquela obra que seria apenas um Auto de Natal.

Por ser da Zona da Mata pernambucana, João Cabral passou a infância vendo o êxodo dos retirantes, lembra a filha Inez Cabral, cineasta e autora do livro *A literatura como turismo*, que traz relatos memoriais sobre a vida e a obra do pai, lançado em setembro de 2016 junto da edição comemorativa de *Morte e Vida Severina* pela editora Alfabeta. Inez fez questão de também selecionar diversos poemas de João Cabral, uma forma de atender a um desejo do poeta. Ele queria ser lembrado não só por seu poema mais popular.

Existe na obra do poeta um Pernambuco nostálgico, onde ele nasceu e continuou fincando suas raízes independentemente do lugar em que se encontrava no mundo. Filho de Luiz Antônio Cabral de Mello e Carmen Carneiro Leão Cabral de Mello, João Cabral nasceu no Recife em 9 de janeiro de 1920, seguindo o rito criado pelo seu avô materno. Seus netos deveriam vir ao mundo no sobrado da família às margens da maré, no estuário do rio Capibaribe. E assim veio o menino dos

Foto de Gilvan Barreto em *O livro do sol*, inspirado na obra de João Cabral de Melo Neto

João Cabral é autor de livros como *A pedra do sono*, *Os três mal-amados* e *O engenheiro*

três engenhos de açúcar: Poço de Alveiro, Pacoval e Dois Irmãos.

Inez foi uma testemunha privilegiada da vida do pai, porque João Cabral era um homem do mundo. Em dezembro de 1945, o poeta virou diplomata e morou em diversos países. Foi a Europa, e em particular a cidade de Sevilha, na Espanha, que marcou parte importante de sua vida e obra. Em entrevista para o documentário *Recife! Sevilha: João Cabral de Melo Neto* (2003), o autor explica: “O Macedo Soares [José Carlos de Macedo Soares], que era ministro [das Relações Exteriores] e historiador, inventou o seguinte: nos mandar para um consulado e nos comissionar para fazer uma pesquisa histórica”. Inez lembra que ao chegar na cidade, seu pai teve uma grande transformação, tornou-se uma pessoa alegre,

boêmia e simpática. Ele andou para todos os lados e se entusiasmou com o flamenco. Todos na cidade conheciam o seu Chevrolet branco e verde.

Mas mesmo do outro lado do Atlântico, João Cabral não se desgrudava da realidade do Brasil. Disse certa vez: “O Mediterrâneo é tão seco quanto o Nordeste brasileiro. É uma região áspere, aquelas pedras, aquela vegetação rasteira assim como o mata-pasto; é uma coisa quase que tão dura quanto a região do sertão. E então, na beira do Mediterrâneo eu vi um pastor esmolambado pastoreando uma porção de cabras, de forma que, se eu tirasse uma fotografia ali, poderia dizer que era uma fotografia de um pastor do Moxotó, no interior de Pernambuco”.

João Cabral realizou uma grande pesquisa sobre o folclore pernambucano

e o da região da Catalunha para conseguir ser o mais fiel possível à realidade Severina. O poeta foi um grande observador e privilegiava muito a forma. Não era como os poetas que se deixam levar pelas forças inspiradoras ou pelas musas. “Nada em João era espontâneo. Ele até dizia que tudo o que vinha espontâneo demais para ele desconfiava que seria de outro autor que estava citando sem querer”, explica Antônio Carlos Secchin.

Dez anos após escrever *Morte e Vida Severina*, João Cabral recebeu uma carta do diretor teatral Silney Siqueira, que pedia autorização para montar a peça pela companhia de teatro do Tuca da Pontifícia Universidade Católica (PUC). O espetáculo seria musicado pelo ainda jovem Chico Buarque. O poeta ficou preocupado ao saber que seus versos seriam acompanhados de melodia, mas aprovou o pedido com a condição de que a métrica de seus versos não fosse modificada.

A montagem foi selecionada para o festival de teatro de Nancy, na França, onde a família foi ver a peça. João Cabral ficou fascinado com a direção, cenografia, elenco e música. Virou fã de Chico Buarque. O sucesso da peça foi estrondoso, percorreu algumas cidades portuguesas, e quando voltou para o Brasil, para ser encenado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o autor estava na plateia ao lado do presidente Castelo Branco. Ficou nervoso no final da peça quando o protagonista Severino ergue uma foice – símbolo do comunismo – com a mão esquerda. O presidente não reparou no símbolo, ou pelo menos não comentou. Somente disse: “Sou cearense, conheço bem essa realidade.”

João Cabral dizia que não tinha direito de cercear qualquer criação que partisse de suas obras. Em entrevista ao crítico literário Régis Bonvicino, comentou: “Depois de impresso em livro, não ligo, não é mais meu, podem fazer o que quiserem com o poema, já não o sinto com a mesma intensidade”. Essa abertura para o uso da obra desmembrou em diversas expressões artísticas. Uma delas, recente, é a peça João Cabral, da Companhia de Teatro Íntimo, do Rio de Janeiro. Foram seis anos de estudo sobre o autor. “Criamos uma trajetória cronológica, falamos da infância dele no Recife, depois da época dele como diplomata e encerramos



Estátua na cidade de Recife em homenagem a João Cabral

com ele em Sevilha”, explica o diretor do espetáculo, Renato Farias. A companhia tem a tradição de transformar a poesia em dramaturgia. Vários autores como Carlos Drummond de Andrade, Adélia Prado, Mário Quintana, Manoel de Barros, Vinícius de Moraes e Manuel Bandeira já foram homenageados.

O elenco formado por cinco atores não representa João Cabral, nem tem personagens definidos, mas interpreta os poemas do nordestino. O conhecimento de Farias sobre a obra do autor veio por meio de uma das atrizes da companhia. “Faltava um oitavo poeta e ela indicou o João. Disse que não, porque até o próprio dizia que as suas poesias deveriam ser somente lidas. E ela disse: ‘Mas vamos tentar’. E à medida que as estudamos nos apaixonamos”. O contato de Renato com João Cabral não é somente pelos versos: “Próximo ao fim de sua vida conheci a neta dele. Fomos ao seu apartamento e ela disse que não era para fazermos barulho, pois seu avô estava no quarto”, conta.

A peça João Cabral, que ficou em cartaz em outubro de 2016 e será retomada em 2017, reflete passagens da vida europeia do autor. Uma dupla de atores encena uma tourada e outros dois dançam o flamenco. Para o poeta Antônio Carlos Secchin, Sevilha é vista de maneira feminina por João Cabral pela questão

do aconchego e do aspecto sinuoso das próprias mulheres ciganas e cantadoras de flamenco. Essas eram as paixões do pernambucano. “A cidade mais bem cortada que vi, Sevilha/ cidade que veste o homem sob medida” são versos do poema Sevilha, publicado no livro *Quaderna* (1960). Já Pernambuco seria a parte masculina pelo lado do Sol, do sertão e da carência, analisa Secchin.

Outra obra inspirada na obra de João Cabral é *O Livro do Sol*, que traz retratos da paisagem do sertão e as suas contradições. O registro foi feito pelo fotógrafo Gilvan Barreto, contrerrâneo do poeta que viajou por 30 dias em 2013 sem rumo pela maior seca nordestina das últimas décadas. “Ao mesmo tempo em que é muito seco, a água está sempre presente de alguma maneira, seja nos assuntos, nos desejos e nos sonhos”, compara. O fotógrafo se inspirou na primeira publicação de João Cabral, *Pedra do Sonho*, de 1942. Foi uma escolha feliz.

Secchin aponta que as primeiras obras de João Cabral são realmente marcadas pelo surrealismo e pelo concreto: “Ele podia escolher falar do vento, da amada, mas escolhe falar da pedra, do sol e da claridade.” Barreto traduz a literatura ao capturar imagem de objetos, como um parque aquático abandonado, uma piscina vazia, o chão de terra seco; busca trazer um significado simbólico, a

fixação pela água. Ele se refere ao povo de lá como pescadores de nuvens, que sonham com a chegada delas, mas elas passam e vão para longe. “A paisagem é real, mas se olhar direito representa uma terra que olha para o céu, que olha para o intangível. Que vive ali pé no chão, mas a cabeça está sonhando com a água”, diz o fotógrafo.

Em entrevista ao *Caderno de Literatura Brasileira* (1997), uma publicação histórica que contemplou 27 cadernos impressos com autores fundamentais da literatura brasileira, João Cabral responde que nunca foi repórter, apesar de ter sido um grande leitor de jornal. Traduziu os lugares, pessoas e acontecimentos em palavras. Aos olhos de sua filha Inez, ele anotava tudo que observava para depois se confinar em seu escritório e escrever. Foi assim que firmou sua percepção sobre Pernambuco e Sevilha, e sobre tantos outros lugares que pisou. Em *Auto do Frade*, narra a vida de Frei Caneca, condenado à morte por envolvimento no movimento separatista chamado Confederação de Equador, em 1824. João Cabral se dizia um poeta que não tinha nenhuma imaginação, só memória. Secchin afirma que toda literatura é acompanhada de imaginação e, no caso do autor pernambucano, de muita astúcia e criatividade que não se esgotam nele mesmo. ●